

JESUS, CAMINHO E ENSINAMENTO DE DEUS

Johan Konings

Resumo

O autor faz uma análise da relação/distinção entre a paideia grega e a Torá hebraica. Por Torá não se deve compreender, por primeiro, “lei”, mas “instrução, ensino”. Ela era aberta a todos, era uma instrução prática para uma vida sadia e feliz. Enquanto que a paideia grega era mais direcionada aos “cidadãos”, preparando-os para a vida na pólis. No entanto, mesmo na Grécia, percebeu-se a ligação que existe entre lei e sabedoria. A verdadeira sabedoria, para Israel, é uma vida segundo a Vontade de Deus. Jesus, também, se mostrará como “caminho, verdade e vida”. Ele é a halaká, o modo de proceder que conduz a Deus. Jesus é a sabedoria e a pedagogia de Deus, referência última de nossa vida.

Abstract

The author analyzes the relation/distinction between the Greek paideia and Hebrew Torah. By Torah it shouldn't have been understood as “law” at first place, but as “instruction, teaching”. It was open to everyone; it was a practical instruction for a healthy and happy life, while the Greek paideia was directed to the “citizens” to prepare them to the life in polis. However, even in Greece, the link between law and wisdom was perceived. The true wisdom for Israel is to live according to God's will. Jesus will show himself as the “way, truth and life”. He is the Halakha, the way to God. Jesus is the wisdom and pedagogy of God, the main reference in our life.

Paideia e torah

Ao observarmos as raízes de nossa tradição cristã, nosso olhar se move entre o Próximo e Médio Oriente e a Grécia. Na realidade, as duas regiões não são estanques, separadas por alguma “cortina” fechada, mas, antes, conhecem um intercâmbio bastante intenso, tanto pelas estradas das caravanas e dos exércitos quanto pelas vias marítimas do Mediterrâneo. Sobretudo depois de Alexandre Magno e no tempo do Império Romano, as duas regiões se aproximam sempre mais, embora não sem conflitos, na complexa estrutura cultural que se chama o helenismo.

Seria um grande erro identificar o helenismo com a cultura grega, apesar do nome, derivado de *hellên* (= grego). Com efeito, se o helenismo foi a consequência da conquista militar do Próximo e Médio Oriente por Alexandre, foi também o cavalo de

Troia que levou a cultura oriental para dentro do mundo grego e ocidental. E assim surgiu o confronto de duas tradições pedagógicas: a da Torá e a da Paideia.

A Torá: pedagogia? Não é a Torá um código de *leis*, a Lei de Moisés? Aqui cabe desmanchar um primeiro mal-entendido. O termo *tōrah* não significa em primeira instância “lei”, e sim, “instrução, ensino”. É derivado do verbo *yārāh*, que evoca um “mostrar”: indicar o caminho. E “caminho”, na Bíblia, na grande maioria das vezes, não significa alguma estrada ou trilha física, geográfica, mas o caminho figurativo do modo de proceder ou de viver. É exatamente isso que a *tōrah* mostra. E se o termo *yārāh* lembra uma ação bem concreta, com uma varinha na mão (para mostrar o caminho...), também o conteúdo da *tōrah* é, geralmente, bastante concreto: coisas a fazer ou a deixar, devidamente sancionadas. Esta *tōrah* tinha uma inegável dimensão comunitária, sendo proclamada na reunião sinagoga.

Já no âmbito grego do mundo mediterrâneo, a pedagogia é só para alguns, os jovens dos poucos cidadãos autônomos que constituem a *pólis*. Esses jovens são submetidos à *paideia*, termo que vem do grego *pais* (“criança/filho”) – de onde nossa “pedagogia”. Apesar do caráter acadêmico do livro que tornou chique esse termo entre os nossos intelectuais¹, não convém imaginar a *paideia* de modo muito politicamente correto. A palmatória era um componente indispensável da pedagogia greco-romana, muitas vezes confiada a escravos com certa erudição, facilmente encontrados entre os vencidos das cidades conquistadas que alimentavam a economia escravista. Ora, a *paideia* grega, mais individual e destinada principalmente aos filhos da classe patricia, tinha também um componente mais abstrato que a *tōrah* hebraica: o estudo da ética, das virtudes e valores, ilustrado pela leitura da poesia, da épica e do drama e coroado pela indispensável retórica. A semelhança com as “humanidades” da tradição europeia a partir da renascença não é mera coincidência.

No início da era cristã, as duas tradições já se encontram em certa proximidade, que, contudo, não nos deve enganar, como mostra a leitura do livro da Sabedoria, dos Macabeus, de Paulo, Tiago e Pedro – autores bem judaicos, que integram em seus escritos a terminologia traços da cultura helenista: a menção às virtudes, o exercício atlético, o heroísmo etc. Nem falta quem pense que Jesus de Nazaré, na Galileia, tenha sido influenciado por essa confluência. A qual, aliás, era também notável na própria capital do judaísmo, Jerusalém.

1. JAEGER, Werner. *Paideia: die Formung des griechischen Menschen*. Berlin: Walter de Gruyter, 1936. Trad.: *Paideia: a formação do homem grego*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Do mesmo autor: *Cristianismo e paideia grega*. Lisboa: Edições 70, 2001. – Segundo este último livro, a vasta expansão pós-clássica da cultura grega, tornou possível o surgimento da religião cristã como religião universal. A helenização do cristianismo nos tempos apostólicos e pós-apostólicos teve lugar em virtude de certas afinidades entre a filosofia grega e a fé cristã. Esta, graças a homens como Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nissa, contrapõe-se, por um lado, criticamente a muitos pressupostos do espírito helênico; por outro, apropria-se da ideia fundamental de *paideia* que, pela sua insistência no homem enquanto harmonicamente inserido na ordem cósmica, social e divina, se revelou como o elemento mais configurador da cultura grega. Segundo Jaeger, o cristianismo apresenta-se como o continuador dessa *paideia* e, pela forma que lhe inculuiu, fez dela um fermento de futuro. – Independentemente da percepção de Jaeger quanto ao cristianismo pós-apostólico, devemos, hoje, “deselenizar” a compreensão da Bíblia.

Tōrāh e hokmāh, nómos e sophía

Contemplemos mais de perto essas duas vertentes da tradição cultural do Ocidente cristão. Dissemos que a *tōrāh* é concreta, prática. Assim é também seu resultado, a *hokmāh* ou sabedoria. Um texto exemplar para imaginar em que um hebreu pensa quando fala em “sabedoria” é Êxodo 35,31, segundo o qual o espírito de Deus encheu Beseleel “de sabedoria, habilidade e conhecimento para qualquer trabalho”. Nada de filosofia abstrata! Saber utilizar o cinzel, ou agulha e linha, eis o que é sabedoria: capacidade prática, habilidade. Ou até astúcia política, como a demonstra a “mulher sábia” de Abel-Bet-Maaca (2Sm 20,16.22). Além do hábil (*hākām*) há também o *maskīl*, aquele que tem entendimento e que deve instruir o caminho aos outros – por isso, brilhará qual estrela para sempre (Dn 12,3). Aproximando a *tōrāh* da *hokmāh*, podemos dizer que a Lei instrui a arte de viver como convém, como exprime o Salmo 119.

Confrontando a cultura da *hokmāh* em Israel com o mundo grego, pensamos na combinação de *nómos*, “lei” e *sophía*, “sabedoria”. Para os gregos, a lei é antes norma, regime, do que instrução e ensinamento, como é na tradição bíblica. Contudo, o grande legislador do mundo grego, Sólon, é considerado um sábio, *sóphos*. Também na Grécia percebeu-se a ligação íntima entre lei e sabedoria. Observar a lei é uma maneira não apenas de evitar problemas com a polícia, mas condição para inserir-se na *pólis*, ser verdadeiro cidadão e, portanto, livre. Pois a liberdade, *eleutheia*, não é arbitrariedade, ausência de normas, *anomia*, e sim direito de cidadania, dando acesso à palavra livre, a *parrēsia*, na assembleia dos livres. Por outro lado, os gregos, certamente a partir de Sócrates e Platão, percebem a diferença entre a sabedoria precipuamente formal dos “sofistas” e a busca da verdadeira sabedoria, à qual chamam de *philosophia*. E é este o sentido que, desde a época do helenismo, fará história, significando a busca da verdade.

Sophía e lógos

Nos escritos bíblicos opera-se uma aproximação entre a palavra (hebr. *dābār*, gr. *lógos* ou *rhēma*) e a Sabedoria. A base dessa aproximação é dupla. Por um lado, a palavra enquanto raciocínio é o início da sabedoria. Por outro, Deus mesmo criou tudo por sua palavra (Sl 33,6), e a narrativa da criação do universo (Gn 1) coloca isso em cena. Nisso, a palavra não é meramente o ato enunciativo, mas também a palavra interior, o pensamento. Aliás, o verbo *‘amar*, em hebraico, que frequentemente significa falar, pode também significar pensar (falar para si mesmo). Neste sentido, seu equivalente no grego bíblico é *(dia)logizein*. O pensamento é visto como uma palavra interior, o *dialogismós tēs kardías*. A sabedoria é o que o sábio fala de si para si quando concebe seu discurso ou sua ação.

Muitos exegetas aproximam o *lógos* do Prólogo joanino à Sabedoria personificada de Provérbios, Sirácida e Sabedoria de Salomão. De fato, os versículos 10-11 do Prólogo parecem retomar a temática da Sabedoria que presencia ou medeia a criação (Pr 8,22-31) e procura um lugar de repouso entre “os seus” (Sr 24). Só que em João este Logos-Sofia não é recebido pelos “seus” (Jo 1,11), mas pela comunidade dos que creem em Jesus Cristo (cf. v. 12-13 e 14).

Ora, com o uso do termo *lógos* João introduziu um cavalo de Troia na tradição dos seguidores de Jesus. Aliás, a porta para esse cavalo já tinha sido aberta pelo judaísmo helenista, no qual se ambienta o autor! O perigo consiste em identificar o Logos com o *nous*, a Razão, dos gregos. Tal interpretação, errônea a nosso ver, se favoreceu ainda do fato de o Prólogo ter-se tornado uma peça independente, lida no fim de cada missa na liturgia medieval. É pouco provável que o autor do Quarto Evangelho tenha entendido o termo *lógos* nesse sentido. Fora do Prólogo, nunca usa o termo em forma absoluta, sem outra determinação. Para João, Jesus não é o *nous* da filosofia helenista, mas a palavra de Deus, a palavra da vida, a voz de Deus na criação, nos profetas e no mandamento. E para o autor do Apocalipse, seja quem for, Jesus é a palavra profética que coloca o mundo diante do julgamento de Deus. Todos esses significados têm raízes profundas nas escrituras de Israel e pouco têm a ver com o Logos da filosofia grega. O uso do termo no Prólogo de João não se subtrai, portanto, à semântica veterotestamentária.

Na tradição cristã ulterior, o Prólogo foi visto como uma peça isolada – um pouco como o coro final da 9ª Sinfonia de Beethoven – e tornou-se alimento para especulações metafísicas. Grave mal-entendido, que não dá para destrinçar aqui. Melhor é passar por cima e focalizar o sentido profundamente bíblico, eu diria, *toráico*, do Logos de João: Jesus é o ensinamento de Deus, porém, num modo único. Não apenas transmite o mandamento de Deus (isso também), mas significa que Jesus “explica” (Jo 1,18: *exegēsato*) o próprio Deus invisível do Sinai e da Nuvem, o dá a conhecer. Ele é retrato falado do Deus invisível, a Palavra que o revela: tira o véu de Deus.

“Eu sou o caminho”

Dissemos, antes, que a *tōrāh* instrui o caminho da vida e, nesta função, é a verdadeira sabedoria para Israel. Podemos considerar à luz desse significado a expressão de Jesus em João 14,6: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Jesus promete que vai adiante dos seus para preparar um lugar e que voltará para levá-los consigo (Jo 14,1-3). E acrescenta: “E para onde eu vou, vós conheceis o caminho” (14,4). O sempre inquiridor Tomé responde, então, que não sabe aonde Jesus vai, nem conhece o caminho (14,5). Costumamos pensar que Jesus fala da *parusia*. Mas há razões para pensar que João opera uma abertura de sentido, porque, ao longo do discurso que segue, as palavras de Jesus nos conduzem ao tema da (in)habitação do Pai e de Jesus naquele que crê e guarda sua palavra (14,23), ou seja, o tema da existência na fé e no amor fraterno como escatologia antecipada.

A esta luz divisamos um significado peculiar na palavra de Jesus em Jo 14,6. O caminho com o qual Jesus se autodesigna é o caminho prático, análogo ao que a Torá ensina ao povo de Israel. Para saber o que é preciso fazer, como ensina a Torá, basta pôr os passos no caminho que é Jesus em pessoa, identificar-se com seu modo de proceder. Então chegaremos ao destino que o próprio Jesus tem diante dos olhos: junto do Pai. E outro caminho não há: “Ninguém vai ao Pai senão por mim” (14,6b). Nesta frase pode se reconhecer uma polêmica em relação ao caminho do judaísmo, mas não precisamos entender a frase num sentido exclusivista. Todos os que chegam até o Pai tri-

lham um caminho semelhante ao de Jesus, e todos os que trilham tal caminho chegam ao Pai, independentemente das divisões confessionais.

Jesus é a *halaká*, o modo de proceder que conduz a Deus, em carne e osso. Nunca, nem mesmo no Deuteronômio, a palavra, *dābār e tōrāh*, se tornou tão “perto” de nós (Dt 30,14), tão visível aos nossos olhos.

“Quem me viu, viu o Pai”

Nem todos os comentadores percebem a unidade dos dois temas que se encontram nos v. 6-7 de Jo 14. No v. 6, Jesus declara que ele é o caminho e que ninguém vai ao Pai senão por ele. No v. 7, fala do conhecimento do Pai. Além disso, em muitos manuscritos e traduções, o v. 14,7 (“se me conheceste, conhecereis também o Pai”) foi deformado no sentido de Jo 8,19 (“se me conhecêsseis conheceríeis também o meu Pai”), sem perceber que neste caso se trata dos “judeus”, que *não conhecem* Jesus, enquanto no primeiro caso se trata dos discípulos que *conhecem* Jesus. Em 8,19 estamos no contexto das discussões dos com o judaísmo, quando a hora de Jesus ainda não tinha chegado (7,30; 8,20), em 14,7 o contexto é o da plena revelação, o da “hora” de Jesus.

A unidade destes dois temas – o caminho que é Jesus e o ver a Deus nele – consiste no seguinte: conhecer Jesus é trilhar seu caminho, ser seu seguidor na prática da vida. E nisso se realiza, agora e no âmbito escatológico, a plena experiência de Deus, o “ver a Deus”. É por isso que o caminho para o Pai passa por Jesus, porém não tanto pela confessionalidade cristã, mas pela prática da *halaká* que ele é em pessoa.

Representando nossa falta de compreensão, Filipe responde: “Senhor, mostra-nos o Pai, isso nos basta”. Jesus responde: “Tanto tempo estou convosco e não me conheceis? Quem me viu, viu o Pai”. Devemos relacionar isso com o tema anterior. Trata-se de ver o Pai no Jesus que se apresenta como o Caminho. No Jesus da “hora”, que está levando a sua obra a termo, o Jesus do *consummatum est*. Jesus não declarou ser a transparência do Pai nas bodas de Caná, quando ainda não era sua hora (2,4), nem na multiplicação do pão e nem mesmo na ressurreição de Lázaro, porque esses momentos eram apenas sinais. Só agora, no dia da consumação de sua obra por seu dom total, ele pode declarar sem perigo de equívoco: “Quem me viu, viu o Pai”. Pois Deus é Amor, diz João na sua carta, e é pelo dom da vida de Jesus por nós e pela consequente prática do amor fraterno que o conhecemos (1Jo 4,7-11).

A *hokmah* de Deus engana a *sophia* deste mundo

A manifestação da visão de Deus no Jesus da hora da cruz, como resposta à busca do conhecimento que Filipe exprime, lembra fortemente o que Paulo escreveu sobre o estratagema da cruz, pelo qual a sabedoria de Deus – loucura aos olhos do mundo – enganou a sabedoria deste mundo.

Em 1Cor 1,10-31, Paulo põe em contraste as ambições e partidarismos “carnais”, que dividem a comunidade de Corinto, e a “sabedoria de Deus”, que se manifesta na loucura de pregar Jesus Cristo crucificado (1Cor 1,23-24). O partidarismo que Paulo

denúncia envolvia o eloquente Apolo (cf. At 19,24-28), bem como a Cefas – certamente prestigiado por causa de sua liderança – e o próprio Paulo. Para Paulo, tal sectarismo é “carnal”, é “sabedoria deste mundo”, que ele condena com a palavra profética de Is 19,11-12: “Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes” (1Cor 1,19). Entretanto, chama a loucura de sua pregação da cruz de “sabedoria de Deus” (1,21.23).

Ora, herdeiro da cultura hebraica, Paulo entende por “sabedoria” em primeiro lugar a habilidade (cf. acima). Deus é mais hábil, mais astuto que os homens. Esta ideia é elaborada em 1Cor 2,6-8: “Expomos sabedoria [...], não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada, mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, [...] sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória”. Chama a atenção, neste texto, a ideia da astúcia da sabedoria de Deus, que se escondeu na quenose de Cristo, permitindo que os poderosos deste século, ao crucificá-lo, realizassem o desígnio divino. Se o tivessem sabido, não o teriam crucificado! Tal “colaboração involuntária” com o desígnio de Deus que se realiza na morte de Jesus encontra-se também nas palavras de Caifás em Jo 11,49-52.

O sábio em Cristo

Poderíamos ainda falar da pedagogia “galilaica” de Jesus, que se expressa no seu jeito popular de apresentar a realidade do Reino de Deus em parábolas, imagens tomadas do dia a dia do povo. Poderíamos evocar o júbilo de Jesus ao experimentar, em seu amor filial, esta sabedoria como dom do Pai a ele e aos pequenos (Mt 11,25-27 // Lc 10,20-21). Mas, chegando ao fim desta meditação, preferimos perguntar qual é a pedagogia, *tōrāh* ou instrução que Deus nos oferece em Jesus, de modo que se cumpre o que diz a Escritura: “Todos serão discípulos de Deus” (Jo 6,45; cf. Is 54,13).

Jesus é a grande *didaskalía tou theóu*, aquele em quem se manifesta o Pai, enquanto nos mostra o caminho, ou seja, a prática de vida que nos faz conhecê-lo. Ninguém pode ver Deus, mas Jesus o dá a conhecer por sua vida que é nosso caminho. Assim entende-se o discurso, muito abreviado, da Primeira Carta de João: “Ninguém jamais viu Deus; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor é consumado em nós” (1Jo 4,12).

Pensando no hoje, vemo-nos cercados de sabedorias muito dissonantes. Por um lado, a sabedoria racional da modernidade, que observa com métodos científicos a realidade e pelo raciocínio constrói o modo mais vantajoso de lidar com ela, inclusive quanto aos problemas da sociedade, por exemplo, no socialismo científico, que na base da análise da dinâmica econômica procura adequar a maior e mais justa participação de todos nos bens que o mundo oferece. Por outro lado, conhecemos a sabedoria displicente daqueles que procuram tirar o maior proveito pessoal de tudo quanto lhes cai nas mãos – e inclusive justificam isso por teorias de ajustamento espontâneo do mercado etc. Em ambos os casos vemos que, com isso, a própria Terra, como manancial e celeiro de nossos meios de vida, é posta em situação de aperto, a tal ponto que sur-

gem teorias extremas, anti-humanistas, condenando praticamente a exploração econômica. E há ainda a cacofonia ensurdecidora daqueles que desistiram de uma busca de sentido e fogem no entorpecimento por qualquer forma de droga, inclusive a do ativismo ou da religiosidade descomprometida.

Jesus é a sabedoria e pedagogia de Deus, que é a referência última de nossa vida. Sabedoria que não é uma teoria abstrata, mas um caminho prático, que, em última análise, não se baseia em teorias de sabedoria mundana, mas numa opção de fé. Esta, porém, não é irracional, nem descomprometida, mas é opção lúcida diante do exemplo de Jesus, que se ergue concretamente ante nossos olhos. Jesus *mostrou e é o caminho*.

Johan Konings, sj

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte, MG
e-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br